

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Centro de Pesquisa

Discente: Jonas Farias de Barros

Professor Dr. Newton Gomes Pereira

Análise do livro de Eclesiastes

ANÁLISE DO LIVRO DE ECLESIASTES

Neste livro de Eclesiastes, segundo o professor Newton Gomes Pereira, não foi Salomão o autor, mas sim diversos autores que pertenceram a Corte do Rei; embora eu discorde, pois há relatos teológicos fidedignos que garantem que o Eclesiastes fora sim escrito por Salomão, não é de se negar, que Salomão foi um homem Sábio, pois obteve conhecimentos de muitos outros povos, o próprio estudo da Bíblia mostra isto. Ele fez alianças com diversas nações, viajou PARA MUITAS REGIÕES , logo influenciou e fora influenciado intelectualmente por diversas filosofias, mas não me atarei neste assunto.

O livro de Eclesiastes, seja lá quem for o autor, o mesmo mostra uma atitude niilista¹ e existencialista². Tomemos a fase niilista, que foi expressada nos primeiros trechos. Para o autor, nada tem valor , nem a vida, riquezas, e nem a própria sabedoria, porque elas todas reunidas até podem trazer uma felicidade momentânea, mas na realidade elas são vaidades, como tudo o que há na Terra é vaidade. Se o homem luta para ser bem sucedido, sábio, feliz, ou seja lá o que for são esforços inúteis para alcançar o vento. Vejamos nas próprias palavras do autor:

Vi todos os trabalhos que se faziam debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e um esforço para alcançar o vento (New World Translation of the Holy Scriptures Portuguese, 1992, p.876).

No capítulo 1, que parte dos versículos 1-18, diz ao seu leitor que tudo na terra é vaidade, que o homem não tira proveito algum da sua labuta e de seu trabalho. As gerações vão e outras veem, as que foram não são mais lembradas, assim como as que existem também não serão (Idem.,p.,875-76).

No capítulo 2, o niilismo do autor chegam ao cume. Vai mencionar que se tornou rei, que conquistou posses, terras, mulheres, servos e que se tornará sábio, mas que quando parou

¹ [O que é niilismo](#) - Segundo o dicionário Houaiss, o termo niilismo é datado de 1877.

Pode significar:

1. redução ao nada; aniquilamento; não existência;
2. ponto de vista que considera que as crenças e os valores tradicionais são infundados e que não há qualquer sentido ou utilidade na existência;
3. total e absoluto espírito destrutivo, em relação ao mundo circundante e ao próprio eu. - <http://ltheiterer.blogspot.com.br/2007/01/o-que-niilismo.html#!/2007/01/o-que-niilismo.html>, com acesso em 11/03/2013 às 11:48 horas.

² Corrente filosófica que se funda na situação do indivíduo vivendo num universo absurdo, ou sem sentido, em que os homens são dotados de vontade própria. Os existencialistas sustentam que as pessoas são responsáveis pelas suas próprias ações, e o seu único juiz, na medida em que a sua existência afeta a dos outros. A origem do existencialismo é geralmente atribuída ao filósofo dinamarquês Kierkegaard. Entre os seus outros proponentes destacam-se Martin Heidegger, na Alemanha, e Jean-Paul Sartre, em França. <http://vferreira.no.sapo.pt/exist.html>, com acesso em 11/03/2013, às 11:54.

Vele frisar que a corrente existencialista é muito ampla. Reduzimos ambas ao existencialismo ateu e ao cristão. Do ateu Jean Paul Sartre é o principal representante, ele por sua vez, acredita que o homem fora inserido por acaso no mundo e portanto é livre e o único responsável por suas decisões. O homem torna-se angustiado ao se deparar com o universo absurdo e sem sentido. No cristão, representado por Kierkegaard, o homem reconhece que fora inserido, mas não por acaso, mas sim por um deus ,ao mesmo tempo reconhece que está num mundo hostil, que também provoca desanimo, mas é uma crença num deus, que o homem se torna mais centrado (PENHA, 2001, P. 13-20; 37 et.seq.).

para refletir, viu que todas estas conquistas eram inúteis e passou a odiar a vida, porque o sábio assim como o estúpido não serão lembrados, assim como as posses de um homem que tanto labutou para consegui-las nem pode ser desfrutada por ele, ou seja, foi um esforço em vão para o nada (Idem.,p.,876).

Acumulei também para mim prata e ouro, bem como propriedade peculiar de reis e de distritos jurisdicionais. Conquistei para mim cantores e cantoras...uma dama sim, damas...E eu, sim, eu me virei para todos os meus trabalhos que minhas mãos tinham feito e para a labuta que eu tinha trabalhado arduamente para realizar, e eis que tudo era vaidade e um esforço para alcançar o vento, e não havia nada de vantagem debaixo do sol... Então porque é que me tornei sábio naquele tempo? E falei no meu coração: “Também isto é vaidade.” Porque também não há mais recordação do sábio do que do estúpido... E odiei a vida, porque o trabalho que se tem feito debaixo do sol se tem feito calamitoso do meu ponto de vista, pois tudo era vaidade e um esforço para alcançar o vento. E eu é que odiei toda a minha labuta em que trabalhava arduamente debaixo do sol, que eu deixaria atrás para o homem que viria a me suceder (Idem.,p.,876-77).

Agora o autor passa do niilismo para um existencialismo, quando diz que o melhor que o homem tem a fazer enquanto existe e trabalha arduamente, é poder colher o fruto deste trabalho comendo e bebendo com abundância. Ademais saber que vai ao nada, não lhe tira o caráter deste mesmo homem que é livre, poder fazer as melhores escolhas, que beneficie a si e os demais, este mesmo homem deve estar cômico, que não há ninguém superior a ninguém, ou seja, o homem não seria superior nem ao próprio animal, porque ambos vieram do pó e voltarão ao pó novamente, ao mesmo tempo, nem a alma de um ou de outro irá para um lugar e a do outro para outro lugar (Idem.,p.,878).

O autor volta a manifestar seu niilismo no capítulo 04, concluindo a questão da vaidade que tanto mencionou. Ora se tudo é vaidade, tudo é um esforço para alcançar o vento, que ocasiona seu desprezo pela vida e o faz desejar à morte. Assim, passa a parabenizar os mortos, por já estarem nesta condição, ao passo que sente dó daqueles que estão vivos, mas concluiu que melhor entre o morto e o vivo é aquele que nem veio a existir (Idem.,p.,879) .vejamos:

E eu mesmo retornei, a fim de ver todos os atos de opressão que se praticam debaixo do sol, e eis as lágrimas dos oprimidos, mas eles não tinham **consoladores**; e do lado dos seus opressores havia poder...E congratulei os mortos que já tinham morrido, em vez de os vivos que ainda viviam. Portanto melhor do que ambos [é] aquele que ainda não veio a existir, que não viu o trabalho calamitoso que se fez debaixo do sol (Idem.,p.,879).

No capítulo 6, completa a ideia dizendo que mesmo que um homem vivesse eternamente, o prematuro que nasceu e morreu era o que era feliz, porque veio em vão e se foi em vão. Ele nem viu o Sol, nem se preocupou com absolutamente nada, na realidade foi o único que teve descanso, portanto foi feliz (Idem.,p.,881). Vejamos:

Se um homem se tornasse pai cem vezes e vivesse muitos anos, ainda que se tornasse numeroso os dias dos seus anos, contudo a sua própria alma não se fartasse de coisas boas e mesmo o sepulcro não se tornasse seu, tenho de dizer que o nascido prematuramente é melhor do que ele. Pois este veio em vão e se vai na escuridão, e seu próprio nome será coberto com escuridão. Não viu nem o próprio sol, nem o conheceu. Este é o que tem descanso em vez de o outro, mesmo supondo que ele vivesse mil anos ...não é para um só lugar que todos vão? (Idem.,p.,881).

Antes de terminar o seu tratado, o autor sai novamente do niilismo e cai novamente no existencialismo. As incertezas por parte da vida lhe angustiam, a ponto de dizer que é preferível ir ao velório do que a um banquete e que o dia da morte é melhor do que o do nascimento, e que sábio é aquele que aguarda, espera e anseia pela morte. Vejamos:

O coração do sábio está na casa de luto, mas o coração dos estúpidos está na casa de alegria...Pois os viventes estão cômnicos de que morrerão, os mortos, porém, não estão cômnicos de absolutamente nada, nem tem mais salário, porque a recordação deles foi esquecida. Também o seu amor, o seu ódio e seu ciúme, já pereceram e por tempo indefinido eles não tem mais parte em nada do que se tem de fazer embaixo do sol

Vai e come o teu alimento com alegria e bebe o teu vinho com um bom coração, porque [o verdadeiro] Deus já achou prazer nos teus olhos (Idem.,p.,881-844 et. Seq.).

Por fim, Salomão faz um abandono ao Niilismo e termina sua explanação próximo a um existencialismo de Kierkegaard. Ora se o homem é projetado no mundo e este mesmo homem sabe que existe, logo deve fazer as melhores escolhas, a melhor escolha é temer a Deus, pois Deus julgará todas as coisas feitas quer elas sejam boas ou más (Idem.,p.887).

REFLEXÃO FILOSÓFICA

Daí, denominar-se existencialista toda filosofia que trata diretamente da existência humana. O existencialismo, conseqüentemente, é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto (PENHA, 2001, P.11).

Do existencialismo ateu de Sartre.

Com isto, Sartre quer dizer que, quando nasce, o homem é nada...o indivíduo primeiro existe com o tempo, torna-se isto ou aquilo, quer dizer adquire sua essência... bom ou mal, agradável ou antipático, destemido ou covarde... (Idem.,p.,45).

Do existencialismo cristão de Kierkegaard

O homem busca um sentido para sua existência. Enquanto investiga as razões de seu viver permanece sob o total domínio dos sentidos, dos sentimentos. Convicto de que é inteiramente livre, vive ao sabor dos

impulsos, procurando desfrutar, extraindo o máximo de prazer, cada instante da vida... se as exigências da ética conscientizam o individuo de suas falhas, não conseguem contudo, proporcionar-lhe a existência pela qual anseia. Esta só se encontrará no estágio religioso...Mediante a religiosidade, o homem alcança uma relação particular com o Absoluto. Deus torna-se a regra do individuo, a única fonte capaz de realizá-lo plenamente (Idem.,p.,17/19).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

New World Translation of the Holy Scriptures Portuguese (Brazilian Edition) (bi12-T,1992) – Edição Brasileira

História da filosofia : filosofia antiga, v. 1 / Giovanni Reale. Dario Antiseri ; [tradução Ivo Storniolo. - São Paulo : Paulus. 2003. Título original: Storia della filosofia. Bibliografia. ISBN 978-85-349-1970-8

PENHA, JOÃO: O QUE É O EXISTENCIALISMO. – São Paulo: Brasiliense.2001